

EXTRA-CLASSE

Deficientes visuais na busca da superação de limites

São muitos os obstáculos impostos pela deficiência visual, mas o trabalho da Associação de Cegos e Deficientes Visuais de Santa Maria (ACDV), que vem sendo desenvolvido desde 2003, busca amenizar essas dificuldades. O grupo, fundado pela professora aposentada do curso de Educação Especial da UFSM, Nilza Flores; pelo funcionário do INSS, Candido Tascheto, que é cego e Érico Sauer, da Igreja Episcopal, iniciou suas atividades em um espaço cedido no subsolo da paróquia. As reuniões eram semanais e tinham a duração de uma hora.

A partir da conquista da sede própria em dezembro de 2005, em uma sala na Casa de Cultura, os integrantes da Associação participam de atividades de segunda à sexta-feira, durante o turno da tarde. O espaço cedido pela prefeitura propicia que, desde bebês até adultos, sejam atendidos pela entidade. A pedagoga Clecimara Vianna, que tem um filho de cinco anos com deficiência visual, desenvolve um projeto de estimulação em crianças

que apresentam perda visual pela *Retinopatia da prematuridade*. “A Retinopatia é um problema que acontece com crianças prematuras e se dá pelo baixo peso e o uso prolongado do oxigênio, o que acarreta um deslocamento da retina ou um descolamento total da retina, dependendo do grau de cada um”, explica Clecimara. Também existe um projeto com adultos de reeducação visual, destinado às pessoas que tiveram algum acidente que ocasionou a perda de visão.

Além desses trabalhos, são oferecidos oficinas de artesanato, culinária, braile, sorobã (matemática) e apoio pedagógico, para que o deficiente visual adquira certa independência. “Eles são muito limitados, a vida para eles é um desafio maior do que para uma pessoa que enxerga”, destaca Liliane de Barros, voluntária na ACDV. Já o progresso, segundo Clecimara, é notado principalmente na auto-estima dos participantes. “Há uma troca de experiências. Eles aprendem a realizar atividades sozinhos e se sentem capazes”.

Fotos: ANA PAULA NOGUEIRA



Clecimara e Liliane: desafios superados melhoram a auto-estima



Limitação visual não impede produção artesanal nas oficinas



Sala onde as crianças participam da oficina de estimulação visual

Tecnologia pode ser um aliado

Depois da conquista da sede, a meta é implementar na Associação um curso de computação que possibilite aos cegos uma maior interação com a sociedade e com as novas tecnologias. Programas de computadores como o *Virtual Vision* e o *Dosvox*, representam facilidades na vida de quem não enxerga. O *Virtual Vision* permite que deficientes visuais utilizem o Windows, os aplicativos Office e naveguem pela Internet. O *Dosvox*, por sua vez, é um sistema que se comunica com o usuário através de síntese de voz, viabilizando o uso de computadores por deficientes visuais e permitindo um alto grau de independência no estudo e no trabalho.

Esses programas são disponibilizados em Santa Maria na Escola Antonio Francisco Lisboa e na Secretaria de Educação do Estado. São voluntárias da ACDV que ministram as aulas em ambos os locais. “Estamos encaminhando um projeto para a Secretaria de Assistência Social para a aquisição dos computadores. Precisamos de pelo menos quatro máquinas para atender a demanda da Associação”, conta Liliane.

Além dos computadores, a Associação precisa de brinquedos sonoros ou luminosos, para trabalhar a estimulação visual, e de bonecas fofas (sem pontas) ou que emitam sons, para estimular a parte afetiva nas crianças. A doação de alimentos também é bem-vinda para as aulas de culinária. O contato com a ACDV pode ser feito pelo telefone 9104.0328, no turno da tarde, ou pelo e-mail acdvsma@yahoo.com.br.

Mapeamento

Uma dificuldade encontrada pela direção da Associação é a adesão dos deficientes visuais ao projeto. Esse problema se justifica até mesmo pela falta de informação. Por isso, a ACDV, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde e do Programa de Saúde da Família (PSF) quer encontrar os portadores de deficiência visual e descobrir em que condições eles vivem. “A função da Associação é levar ao conhecimento deles os direitos que a pessoa com deficiência visual tem na sociedade”, diz Liliane.

A Associação se mantém basicamente através de doações em dinheiro de sócio-contribuintes, que partem de três reais e não tem um valor máximo estipulado. É com essa verba que são comprados os materiais para as oficinas e para a manutenção da sede. Porém, os valores arrecadados são insuficientes para manter as oficinas atuais, o que impede também a ampliação das atividades.